



## TERRITÓRIOS EM MOVIMENTO: A CONEXÃO ENTRE EXPATRIADOS E A TEIA EPCN<sup>1</sup>

Daniela Barbosa SOUSA, Universidade Estadual de Maringá, pg404744@uem.br  
Fabiane Cortez VERDU, Universidade Estadual de Maringá, fcverdu@uem.br

*Referência:*

SOUSA, Daniela Barbosa; VERDU, Fabiane Cortez. Territórios em movimento: a conexão entre expatriados e a teia EPCN. . In: SIMPPA - SIMPÓSIO DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO. 4., 2024, Maringá. **Anais eletrônico...** Maringá: PPA, 2024. p. 16-32. Disponível em: <https://ppa.uem.br/iv-simppa-2024x/anais>. Acesso em: 25 nov. 2024.

### RESUMO

O objetivo deste artigo é explorar a relação entre os conceitos de território e expatriados, a partir das contribuições de Saquet sobre a conjugação entre aspectos econômicos, políticos, culturais e da natureza (EPCN). Trata-se de um estudo bibliográfico. Evidencia-se que o conceito de território e a experiência de expatriados são interligados por forças econômicas, políticas, culturais e da natureza, que moldam a vivência em um novo ambiente. O que elucida o processo constante e simultâneo de territorialização, reterritorialização e desterritorialização (TDR). Essa dinâmica socioespacial se apresenta como uma vertente importante para compreensão de territórios e territorialidades, explorados e criados pelo mercado, por meio dos expatriados, como oportunidade de estabelecimento de redes, assim como a percepção de práticas de desenvolvimento territorial a partir de organizações.

**Palavras chave:** Território. Expatriados. EPCN.

---

<sup>1</sup> Este artigo é beneficiário de auxílio financeiro da CAPES.

## TERRITORY ON THE MOVE: THE CONNECTION BETWEEN EXPATRIATES AND THE EPCN WEFT

### ABSTRACT

The aim of this article is to explore the relationship between the concepts of territory and expatriates, based on Saquet's contributions on the combination of economic, political, cultural and natural aspects (EPCN). This is a bibliographical study. It shows that the concept of territory and the expatriate experience are interconnected by economic, political, cultural and natural forces, which shape the experience in a new environment. This elucidates the constant and simultaneous process of territorialization, reterritorialization and deterritorialization (TDR). This socio-spatial dynamic is an important aspect of understanding territories and territorialities, explored and created by the market, through expatriates, as an opportunity to establish networks, as well as the perception of territorial development practices from organizations.

**Keywords:** Territory. Expatriates. EPCN.

### 1 INTRODUÇÃO

Os estudos sobre território tem seu aporte na geografia e ao longo do tempo e os diferentes contextos, impuseram distintas leituras conceituais e adaptações ao termo. Ora território diz respeito a aspectos materiais, pré-existentes, ora compreende aspectos simbólicos-culturais e identitários que não dependem de um espaço físico. Muitos autores brasileiros estudam o território e suas múltiplas dimensões, com destaque para Marco Aurélio Saquet, Rogério Haesbaert, Marcelo Lopes de Souza e Milton Santos. Haesbaert (2004, p. 87), por sua vez, classifica como des-caminhos do conceito de território, são as “novas formas que ele está incorporando e através dos quais se manifesta.” Já Souza (2009) justifica essa complexidade em razão dos estudos sobre o tema terem iniciado no Brasil na década de 90, ou seja, ainda é recente. Santos (1994, p. 15), já apontava para esse processo multiconceitual como uma dialética do mundo, em que o único aspecto permanente do território é o fato de “ser nosso quadro de vida.”

Nesse sentido, Saquet (2013, p. 33) compreende território a partir das “relações sociais que se efetivam na vida cotidiana, visando ao controle e à dominação sobre os homens e as coisas.” O autor defende a conjugação indissociável existente entre as dimensões econômicas, políticas, culturais e naturais (EPCN) que se efetivam a partir das relações sociais que se estabelecem no território (Saquet, 2013). Com o processo de globalização<sup>2</sup>, “o território, hoje, pode ser formado de lugares contíguos e de lugares em rede” (Santos, 1994, p. 16), configurando assim a lógica de movimento, que permite às pessoas a possibilidade de transitarem entre diferentes territórios, transpondo fronteiras.

Conforme Caligiuri (1997), os expatriados são profissionais designados para viver e trabalhar fora de seu país de origem, enviados por suas empresas por um período de tempo de um ano ou mais, com o intuito de aprimorar habilidades globais e contribuir para o crescimento

---

<sup>2</sup> Diz respeito ao alargamento, o aprofundamento e a aceleração da interconexão em todo o mundo em todos os aspectos da vida social contemporânea (Buckley; Ghauri, 2004)

da organização. De acordo com estudos realizados por Moraes, Moreira, Machado e Guimarães (2022), com base no relatório intitulado *HSBC Expat Explorer Broadening Perspectives*, publicado em 2017, com base em 46 países, os expatriados aceitam viver em outro país que proporcionem melhores condições de vida em três fatores - econômicos, experiência e família.

Dessa forma, o conceito de território e a experiência de expatriados são interligados por dinâmicas econômicas, políticas, culturais e da natureza que moldam a vivência em um novo ambiente. Logo, este artigo tem como objetivo explorar a relação entre os conceitos de território e expatriados, a partir das contribuições de Saquet sobre a conjugação entre aspectos econômicos, políticos, culturais e da natureza (EPCN). Para isso, essa pesquisa se fundamenta em estudos bibliográficos. O artigo está dividido em quatro seções, além desta introdução: (1) perspectivas teóricas sobre território; (2) dimensões condicionantes do território: economia, política, cultura e natureza (EPCN); (3) conexão entre a teia de EPCN e os expatriados; e (4) considerações finais da pesquisa.

## PERSPECTIVAS TEÓRICAS SOBRE TERRITÓRIO

Etimologicamente, a palavra território advém do latim *territorium*, uma derivação da palavra terra e está diretamente relacionada ao uso da terra sob aspectos jurídicos e políticos (Haesbaert, 2004). *Territorium* também evoca termos como *terreo* / *territor*, que significam terror, aterrorizar, respectivamente (Haesbaert, 2004). Martins e Chagas (2021, p. 317), ao comentarem a relação entre esses significados, pontuam que refere-se “à dominação, imposição, terror, medo, dos agentes hegemônicos sob os hegemonizados o privilégio de usufruir do território por intermédio de apropriação.” Evidenciando, assim, dois sentidos, “um, predominante, dizendo respeito à terra e, portanto ao território como materialidade, outro, minoritário, referido aos sentimentos que o ‘território’ inspira (medo para quem dele é excluído e satisfação para quem dele usufrui ou se identifica)” (Haesbaert, 2004, p. 94). Por sua vez, Vale, Saquet e Santos (2005) acrescentam que o sufixo *torium* é relativo a dormitório, lugar de dormir, lugar da terra, âmbito terrestre localizado.

Inicialmente, Ratzel, alemão e primeiro grande autor da geografia política, definiu território, como sinônimo de solo (*Boden*), “como se território fosse sempre sinônimo de território de um Estado, e como se esse território fosse algo vazio sem referência aos atributos materiais, inclusive ou sobretudo naturais” (Souza, 2012, p. 86). Posteriormente, sob uma abordagem geopolítica, entende o território como área e recursos naturais (solo, água, clima), expressando assim um domínio da natureza sobre o homem. Posteriormente, o autor avança compreendendo o território como “uma parcela de espaço, delimitada, com ou sem a presença do homem; com ou sem modificações provocadas pelos povos e com ou sem a presença e domínio do Estado” (Saquet, 2013, p. 32).

Raffestin (1993, p. 7-8), outro expoente sobre o conceito de território, assume que:

O território (...) não poderia ser nada mais que o produto dos atores sociais. São esses atores que produzem o território, partindo da realidade inicial dada, que é o espaço. Há portanto um ‘processo’ do território, quando se manifestam todas as espécies de relações de poder, que se traduzir por malhas, redes e centralidades cuja permanência é variável mas que constituem na qualidade de categorias obrigatórias.

Vale mencionar que Raffestin (1993, p. 58), elabora seu conceito sobre território, a partir da perspectiva de Foucault, classificando-o como “a cena do poder e o lugar de todas as

relações.” Sob a perspectiva marxista, o valor do território estaria nas relações de troca que podem ser efetivadas. É com base nessas relações que surge o “campo de poder”, no qual “um ator manifesta a intenção de dele [o campo] se apoderar” (Raffestin, 1993, p. 144). Tal afirmação evidencia que os atores são dotados de um poder relacional.

Entre os movimentos e fluxos no território, surge o processo de territorialização e territorialidade, ambos independentes (Raffestin, 1993; Picheth e Chagas, 2018). O primeiro compreende o “espaço construído e praticado, que se percebem as manifestações de dominação e apropriação” (Guarnieri; Chagas; Vieira, 2018, p. 66). Já o segundo, está associado às vivências, assim como a permanência no território, estabelecendo, assim, não só relações sociais, como também sistemas e fluxos socioambientais (Raffestin, 1993). Logo, exprime uma construção coletiva e multidimensional, como resultado da vida cotidiana regida “na constante apropriação e produção do território” (Saquet; Bozzano, 2020, p. 84). A territorialidade, também pode ser entendida como “valorização das condições e recursos potenciais de contextos territoriais em processos de desenvolvimento” (Saquet, 2008, p. 87); “é o acontecer de todas as atividades cotidianas, seja no espaço do trabalho, do lazer, na igreja, na família, na escola etc., resultado e condição do processo de produção de cada território, de cada lugar, resultado e condição da dinâmica socioespacial” (Vale; Saquet; Santos, 2005, p. 17).

Essa abordagem multidimensional e relacional, abre espaço para a discussão de um território com fluxos contínuos que se articulam transcendendo aspectos físicos e efetivam-se além das fronteiras (Saquet, 2003). Tendo em vista que “fronteiras não são mais locais que dividem; são, ou podem ser, locais de encontro” (Souza, 2009, p. 71). Nesse sentido, a seguir serão aprofundadas as dimensões do território.

## **DIMENSÕES CONDICIONANTES DO TERRITÓRIO: ECONOMIA, POLÍTICA, CULTURA E NATUREZA (EPCN)**

Para iniciar essa seção, é válido destacar dois autores que analisam o território sob a perspectiva das condicionantes que compõem o EPCN, Haesbaert e Saquet. Nesse sentido, para Haesbaert (2004), a concepção de território pode ser dividida entre três fatores: (1) econômica (E) - território sinônimo de recursos e reflexo da relação capital-trabalho; (2) política ou jurídico-política (P) - no qual o território assume o viés de ser um espaço delimitado e controlado pelo poder, na maioria das vezes do Estado; e, (3) cultural ou simbólico-cultural (C) - território como espaço vivido, vislumbrado em sua subjetividade, produto de uma valorização simbólica. Considerando o atual processo de globalização, Haesbaert (2002) também identifica uma multiterritorialidade organizada em três elementos: os territórios-zona (lógica política), os territórios-rede (lógica econômica) e os aglomerados de exclusão (lógica social de exclusão sócio-econômica).

[...] esses três elementos não são mutuamente excludentes, mas integrados num mesmo conjunto de relações sócio-espaciais, ou seja, compõem efetivamente uma territorialidade ou uma espacialidade complexa, somente apreendida através da justaposição dessas três noções ou da construção de conceitos “híbridos” como o território-rede. (Haesbaert, 2002, p. 38).

Já Saquet (2003/2001), resgata as dimensões apontadas por Haesbaert (2002), sinalizando que as três dimensões da EPC estão no mesmo nível e relacionam-se de formas “múltiplas, complexas, heterogêneas, e estão em unidade, a cada período, momento e lugar ou em cada relação espaço-tempo” (Saquet, 2010, p. 160). Saquet (2004), apoia-se em Rullani (1997), o qual afirma sob a perspectiva econômica que o território “é um lugar articulado a outros lugares, especialmente, pela ciranda mercantil” (Vale. Saquet, Santos, 2005, p. 15). Logo

na dimensão econômica há uma preocupação com as estratégias comerciais, negociações que se articulam entre diferentes territórios, mediadas pelas empresas, organizações, o Estado, e, principalmente, pelo Capital. Nesse sentido as redes locais e globais ganham importância na articulação econômica, pois “rompem com os limites de cada área” (Saquet, 2009, p. 79), sendo facilitadoras da comunicação, proporcionando assim maior controle do espaço e autonomia das classes hegemônicas (Saquet, 2004; Vale. Saquet, Santos, 2005).

A dimensão política compreende a história humana e das civilizações na conquista dos territórios. Aqui, o poder pertence àquele que tem o domínio do território, abrindo espaço para a discussão do território como Estado-Nação, a imposição de limites, criação de fronteiras, como também as multiformas de poder que se efetivam no território (Raffestin, 1993; Vale. Saquet, Santos, 2005). A dimensão cultural corresponde ao território simbólico, território formador e resultados de identidades, as memórias, “com dimensões que vão do físico ao mental, do social ao psicológico, em escalas diversas, pois na convergência destas características misturadas [...] encontram-se dois sentidos: o da identidade e o temporal” (Vale. Saquet, Santos, 2005, p. 19). Saquet (2009, p. 81) acrescenta a dimensão natureza, que para ele é compreendida como indissociável a relação entre homem-território, tendo em conta que “o homem age no espaço (natural e social) de seu habitar, produzir, viver, objetiva ou subjetivamente [...] o espaço corresponde ao ambiente natural e ao ambiente organizado socialmente” gerando assim “unidade entre natureza e sociedade.”

o território deve ser analisado como resultado de um processo de forças, de relações e produções interconectadas, da articulação mútua dos aspectos econômicos, políticos e culturais, e, destes com a natureza nata, no tempo e no espaço, predominando ora uma(s), ora outra(s) dimensão(sões), em cada lugar e momento e/ou período histórico. (Vale; Saquet; Santos, 2005, p. 24)

Acrescenta-se ainda, que

(...) as forças econômicas, políticas e culturais, reciprocamente relacionadas e em unidade, efetivam o território, o processo social, *no* e *com* o espaço geográfico, centrado e emanado *na* e *da* territorialidade cotidiana dos indivíduos em diferentes centralidades, temporalidades e territorialidades. Os processos sociais e naturais, e mesmo nosso pensamento, efetivam-se *na* e *com* a territorialidade cotidiana. E aí, neste nível, que se dá o acontecer de nossa vida e é nesta que se concretiza a territorialidade. (Saquet, 2007, p. 57).

Saquet (2003/2001) adere referências italianas na construção conceitual do EPCN, como o sociólogo Arnaldo Bagnasco (1977), o qual compreende o território como área com características econômicas, políticas e culturais, onde os atores sociais desenvolvem ligações com outras áreas, formando assim partes territoriais. Essas partes se conectam no tempo e no espaço, transformando o território em conexão, articulação, edificação, mudança e permanência (Saquet, 2005). Saquet (2005) também se baseia em Giuseppe Dematteis (1995), geógrafo italiano, que destaca a natureza exterior ao homem como essencial à existência das interações sociais. O autor também elucida que o território significa economia, política, cultura e natureza (chão, ambiente, formas espaciais, relação entre os indivíduos).

Também trata de transformações e permanências territoriais do desenvolvimento, mostrando a conexão e integração entre diferentes lugares, sem reduzir o local à uma parte nem o global à uma soma de partes. O local e o global interagem-se, sendo que os sistemas locais respondem de diferentes modos às forças globais. (Saquet, 2005, p. 13885).

Saquet (2005), tem, então, em Bagnasco (1977) e Dematteis (1995), uma perspectiva relacional do território, que apresenta como características redes (movimento), relações de poder que se materializam nos aspectos econômicos, políticos, culturais e de natureza, capazes de formar ou mesmo formado de identidades (movimento). Logo, o território é “fruto e condição ele mesmo da territorialização [...] é substantivado por territorialidades, ou, por obras e relações, formas e conteúdos” (Saquet, 2005, p. 13885). Ontologicamente, Saquet (2009), reconhece três processos que configuram o território, nesse movimento EPCN: 1). as relações de poder que constituem campos de força EPCN; 2). “a construção histórica e relacional de identidades” 3). “o movimento de territorialização, desterritorialização e reterritorialização (TDR)”. (Saquet, 2009, p. 82).

A TDR está ligada diretamente à vida cotidiana dos indivíduos no território, considerando os migrantes ou expatriados, em viagem ou mobilidade profissional, vivem, experienciam e se relacionam, desenvolvendo territorialidades (expressão humana sobre o espaço). A reterritorialização se manifesta na produção de características relativas a sua vida anterior, que compreendem questões econômicas, políticas, culturais e de natureza (dada a forma como se organizam no ambiente). A desterritorialização, por sua vez, seria a perda do espaço, que pode acontecer por diversos motivos que provoquem a saída dos indivíduos do seu território. E dessa saída levam consigo características relativas a EPCN do local. Percebe-se então, um ciclo, no qual processos de desterritorialização geram reterritorializações e consequentemente geram novas territorialidades. Para Saquet (2009, p. 89) esse ciclo acontece de forma simultânea e constante no território, pois os indivíduos são condicionados por forças econômicas, políticas, culturais e da natureza, onde

os processos de territorialização, desterritorialização e reterritorialização (TDR) concomitantes e complementares, isto é, os processos de mobilidade dos indivíduos e as mudanças-permanências (continuidades-descontinuidades) sociais e territoriais que estão presentes em qualquer apropriação e arranjo espacial, seja no campo, seja na cidade. Processos que acontecem no mesmo lugar ou entre lugares diferentes, no mesmo período ou entre períodos históricos distintos.

Em outras palavras,

está clara a questão da multidimensionalidade de nossas vidas cotidianas, tanto biológica como socialmente. Estabelecemos relações econômicas, políticas e culturais todos os dias, minuto a minuto, entre nós e com nossa natureza exterior (inorgânica), o que pode ser traduzido pelas diferenças, identidades, desigualdades, ou seja, pelas territorialidades cotidianas: todos processos espaços-temporais e territoriais inerentes a nossa vida na sociedade e na natureza. (Saquet, 2009, p. 85)

Dessa forma, o processo de desenvolvimento territorial é rico nos diversos aspectos que compõem o “ser” humano, por meio dos encontros, compartilhamentos de saberes, trocas e fluxos que atravessam os indivíduos nos diferentes territórios que transitam. Logo, é possível evidenciar conexão entre os expatriados e a teia EPCN presente na dinâmica sócio-histórico-espacial cotidiana, que será apresentada a seguir.

## **CONEXÃO ENTRE EXPATRIADOS E A TEIA EPCN**

A dinâmica existente entre expatriados e o território é diretamente atravessada por questões relativas à economia, política, cultura e natureza exterior ao homem. Tendo em vista,

que a globalização exige um contingente humano que suporte esse processo de expansão organizacional além das fronteiras (Moraes; Moreira; Machado; Guimarães, 2022). E, no caso dos expatriados, “envolve cruzamentos de fronteiras físicas e psicológicas” (Baruch; Altman; Tung, 2016, p. 9).

Diferente do conceito de imigrante, que seria a mudança “permanentemente para um país diferente em busca de estabilidade econômica, melhores condições de vida ou oportunidades que talvez não estejam disponíveis em seu país de origem” (Melo, 2024), a expatriação está diretamente relacionada aos profissionais, “que estão vivendo temporariamente fora de seu país de origem” (Silva; Chagas; Verdu; Casado, 2019, p. 9). Para Clemente (2008, p. 131), o expatriado ou profissionais transnacionais, são aqueles no qual “sua mobilidade está intimamente ligada ao desenvolvimento empresarial de tipo transnacional.”

Tanto Caligiuri (1997) como Baruch, Altman e Tung (2016), afirmam que no processo de expatriação, existem aqueles que vão com o intuito de adquirir conhecimento e habilidades globais, como também aqueles que são enviados por suas empresas em virtude de já possuírem habilidades técnicas. O envio dos expatriados está totalmente relacionado à estratégia de internacionalização definida pela organização (Caligiuri, 1997).

Moraes, Moreira, Machado e Guimarães (2022, p. 68) pontuam que embora o fenômeno da expatriação seja diversificado entre nacionalidades e profissões, a semelhança entre eles está no “desejo pela mudança”, que conforme Santos e Silveira (2006, p. 19), elucida a territorialidade humana presente na “preocupação com o destino, a construção do futuro, o que, entre os seres vivos, é privilégio do homem.”

No Brasil a Lei nº 7.064, de 1962, conhecida como a Lei do Expatriado, “regula a situação de trabalhadores contratados no Brasil ou transferidos por seus empregadores para prestar serviço no exterior” (Redação dada pela Lei nº 11.692, de 2009). O âmbito legal, tanto do país hospedeiro como do país de origem, exercem papel fundamental na escolha pela expatriação (Moraes; Moreira; Machado; Guimarães, 2022), pois estão totalmente relacionados à questão política do território. E, seu cumprimento proporciona aspectos de segurança ao expatriado.

O relatório elaborado pela HSBC (2017), destaca três fatores considerados importantes pelos expatriados: economia, experiência e família - fatores que se relacionam diretamente à EPCN. Moraes, Moreira, Machado e Guimarães (2022), elaboraram um quadro que sintetiza os aspectos que compõem cada um dos fatores de modo didático (quadro 1).

**Quadro 1 - Fatores considerados relevantes pelos expatriados**

<b>FATORES</b>	<b>DESCRIÇÃO</b>
<b>Economia</b>	<b>Foco na economia dos países e no efeito desta sob os expatriados</b>
<i>Personal Finances</i>	Perspectiva de ganhos, nível de renda disponível e perspectiva de economia;
<i>Local Economy</i>	Confiança na economia local, visão acerca da estabilidade política e do quão fácil é empreender no país;

<i>Working Life</i>	Perspectivas acerca de progressão na carreira, balanceamento entre vida pessoal e trabalho e segurança no emprego.
<b>Experiência</b>	<b>Estilo de vida dos expatriados</b>
<i>Lifestyle</i>	Cultura local, saúde física e qualidade de vida;
<i>People</i>	Como as pessoas do país interagem com os expatriados e como elas se sentem convivendo com essas pessoas, se conseguem se integrar e fazer amizade com elas facilmente;
<i>Setting Up</i>	Organização relacionada às finanças, aspectos de saúde e aspectos logísticos, como achar acomodação, quando efetivamente se mudam para o país.
<b>Família</b>	<b>Família e vida familiar no país de expatriação</b>
<i>Relationships</i>	Vida social dos expatriados, se eles se sentem próximos aos seus parceiros e o quão aberto consideram que seja o país à diversidade;
<i>Education and childcare</i>	Qualidade do cuidado com crianças, qualidade da educação e o custo para se criar filhos;
<i>Raising Children</i>	Saúde e bem-estar dos filhos, a facilidade das crianças fazerem amizade e qualidade de vida para elas, em geral.

Fonte: Adaptado de Moraes, Moreira, Machado e Guimarães (2022), com base no HSBC Expat (2017).

Os autores, observaram a partir da opinião dos expatriados, que países que oferecem qualidade de vida nos três fatores são melhores do que os países que proporcionam qualidade de vida extremamente favorável em apenas um ou dois fatores (Moraes; Moreira; Machado; Guimarães, 2022). Infere-se então, que esses fatores contribuem diretamente na reterritorialização, ou seja, a adaptação ao novo território, evoca o processo no qual são “reproduzidos traços comuns e heterogeneidades, que ao mesmo tempo estão na base de apropriação e produção de novos territórios” (Saquet, 2009, p. 88).

Essa identificação com o território é essencial para evitar o que Baruch, Altman e Tung (2016, p. 14), destacam como risco “isolamento, distanciamento, perda de amigos/redes sociais em casa e, em alguns casos, dificuldades adicionais, como a deslocalização para países menos desenvolvidos ou zonas devastadas por conflitos.” O que pode ser prejudicial à representação da empresa em outro país e levar ao fracasso da expatriação. Indo ao encontro dessas características, os estudos de Clemente (2008, p.131), elucidam que o indivíduo em movimento

é “artesão da vida social que emerge da constante mobilidade transnacional.” Para a autora o vínculo com o território e com outros indivíduos se dá não por sua permanência, mas sim por estar em movimento, pois aí estariam as trocas de experiências, expectativas, ideias, e principalmente cultural (Clemente, 2008).

Pesquisadores da área de internacionalização, como Shenkar (2012, p. 7), ao analisar a distância cultural como uma possível barreira à internacionalização de empresas, salienta que indivíduos expatriados tem potencial para unir países e assim, encurtar distâncias ao servirem como “emissários e intérpretes de sinais e comportamentos culturalmente incorporados.” Vale ressaltar que a capacidade do expatriado em estabelecer *networking* ou redes sociais, por meio de amizade a nível pessoal ou profissional pode influenciar positivo e diretamente o posicionamento da empresa na rede de internacionalização (Cuypers; Ertug; Cantwell; Zaheer; Kilduff, 2020). Johansson e Vahlne (2009) reforçam que o relacionamento construído a base da confiança, assim como a inserção da empresa em contextos estrangeiros, por meio do intercâmbio, facilitam a troca de informações entre empresas, assim como proporcionam a exploração de novas oportunidades.

Dessa forma, admite-se que

a amizade fornece o território afetivo que independe do espaço material. O campo da amizade, na chamada era da globalização, abre às ciências sociais novos caminhos em que é possível visualizar, para além da mobilidade econômica do capital, e identificar as pessoas em movimento e o conteúdo de suas relações sociais. (Clemente, 2008, p. 137)

Pontua-se, então, que os laços e redes estabelecidos pelo expatriado ligam os territórios apesar e por meio das relações estabelecidas com o campo de força - econômico, político, cultural e de natureza exterior ao homem, criando por sua vez, novos territórios. Mas também, transformando as relações de EPCN existentes, assim como “a mobilidade do homem, que o leva a distintos territórios, transforma-o em indivíduo que [age] na clareza dos lugares de memória, os territórios adquirem um suplemento de sentidos de grande importância” (Vale; Saquet; Santos, 2005, p. 22).

A figura 1, a seguir, expressa a relação entre expatriados, a teia EPCN e o movimento TDR:

**Figura 1 - Expatriados, EPCN e TDR**



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Nota-se no figura 1, um conjunto de movimentos relacionados ao expatriado, compreendido da seguinte forma: a pessoa em seu país de origem está inserida em um territorialidade e conseqüentemente, a aspectos específicos de EPCN; ao realizar mudança para o país destino, desenvolve-se uma nova territorialidade, além do expatriado sofrer influências de uma nova EPCN atuante naquele país. Destaca-se que o expatriado traz consigo, aspectos EPCN de seu país de origem que chocam-se aos novos aspectos, provocando uma adaptação. O processo de saída, denomina-se desterritorialização, a perda daquele território. Ao retornar ao seu país de origem, o expatriado, agora como repatriado, passará por uma nova influência do EPCN que se chocará com a EPCN que trará do país anterior, que o forçará a nova adaptação. A reterritorialização, nesse sentido, se manifesta tanto na chegada no país destino, como no retorno ao país de origem, pois o expatriado expressará características anteriores relativas ao EPCN e tenderá a nova adaptação e desenvolvimento de novas territorialidades. Todo esse processo reflete um constante cenário de territorialização, no qual o expatriado, seja em seu país de origem ou país destino, almeja explorar oportunidades para desenvolver novos vínculos e redes.

Nesse movimento do expatriado, expõe-se a territorialização, desterritorialização e reterritorialização como “um vai e vem incessante, que circula e comunica ao mesmo tempo, interliga, complementa os lugares e pessoas” (Vale; Saquet; Santos, 2005, p. 22). Essa dinâmica socioespacial se apresenta como uma vertente importante para compreensão de territórios e territorialidades, explorados e criados pelo mercado, por meio dos expatriados, como oportunidade de estabelecimento de redes, assim como a percepção de práticas de desenvolvimento territorial a partir de organizações. Tal conexão enriquece as organizações, ao incorporar uma diversidade de perspectivas e experiências, essencial para a inovação e a competitividade no mercado global.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve como objetivo explorar a relação entre os conceitos de território e expatriados, a partir das contribuições de Saquet sobre a conjugação entre aspectos econômicos, políticos, culturais e da natureza (EPCN). Partiu-se do pressuposto de que essas forças atuam no território de formas “múltiplas, complexas, heterogêneas, e estão em unidade, a cada período, momento e lugar ou em cada relação espaço-tempo” (Saquet, 2010, p. 160). São elas que moldam as relações sociais em seus diversos movimentos e permanências, continuidades e descontinuidades.

Uma dinâmica socioespacial, que muitas vezes, não nos damos conta, mas está presente em todos os momentos de nossas vidas de forma multidimensional. Por isso, a definição do termo território pode ser tão ampla, afinal, como abranger tantas possibilidades? A todo instante, o território é “construído e praticado” (Guarnieri; Chagas; Vieira, 2018, p. 66), o território é vivo, vivendo, utilizado (Santos, 2006). E, nesse movimento, os expatriados, em meio aos seus desafios, adquirem habilidades técnicas globais, trocam experiências, conhecimento cultural, que o transformam como indivíduos, mas também serve como diferencial para as organizações que os enviam.

E, nesse sentido, evidencia-se um “vai e vem incessante, que circula e comunica ao mesmo tempo, interliga, complementa os lugares e pessoas” (Vale; Saquet; Santos, 2005, p. 22), elucidando processos relativos a territorialização, reterritorialização e desterritorialização (R-T-D), como um ciclo constante e simultâneo que faz parte do cotidiano da sociedade. Destaca-se, sob a perspectiva dos expatriados, que os fatores econômicos, as experiências e a

família são fundamentais na tomada de decisão pela vida profissional no exterior. Fatores esses presentes na abordagem multidimensional e relacional do território.

Recomenda-se pesquisas futuras que explorem o impacto da mobilidade profissional, do expatriado, na vida dos familiares que viajam juntos. Como também pesquisas sobre o retorno do expatriado às organizações, como esse conhecimento global é aplicado e reconhecido nas empresas na repatriação.

## REFERÊNCIAS

BAGNASCO A., **Tre Italie**, La problematica territoriale dello sviluppo italiano, Bologna, Il Mulino, 1977.

BARUCH, Y.; ALTMAN, Y.; TUNG, R. L. Career Mobility in a Global Era. Advances in managing expatriation and repatriation. **The Academy of Management Annals**, v. 10, nº 1, p. 841-889, 2016. Disponível em: <<https://journals.aom.org/doi/10.5465/19416520.2016.1162013>>. Acesso em: 02 ago. 2024.

BUCKLEY, P.J.; GHOURI, P.N. Globalization, economic geography, and the strategy of MNE. **Journal of International Business Studies**, v. 35, n.2, p. 81 – 98, 2004.

BRASIL. CASA CIVIL. **Lei nº 7.064**, de 06 de Dezembro de 1982. Dispõe sobre a situação de trabalhadores contratados ou transferidos para prestar serviços no exterior. Brasília-DF, 1982.

BRASIL. CASA CIVIL. **Lei nº 11.962**, de 03 de Julho de 2009. Altera o art. 1º da Lei nº 7.064, de 6 de dezembro de 1982, estendendo as regras desse diploma legal a todas as empresas que venham a contratar ou transferir trabalhadores para prestar serviço no exterior. Brasília-DF, 2009.

CALIGIURI, P. M. Assessing expatriate success: beyond just “being there”. In: AYCAN, Z. (ed.), **New Approaches to Employee Management**. Elsevier Science: JAI Press, 1997, p. 117-140.

CLEMENTE, C. C. Redes transnacionais entre profissionais “expatriados” ou *expats*. **Ponto e Vírgula**, nº 3, jan-jul./2008, p. 130-137. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/pontoevirgula/article/view/14243/10437>>. Acesso em: 08 ago. 2024.

CUYPERS, I.R.P.; ERTUG, G.; CANTWELL, J.; ZAHEER, A.; KILDUFF, M. Making connections: social networks in international business. **Journal of International Business Studies**, v. 51, p. 714-736, 2020.

DEMATTEIS, G., **Progetto implicito**, Il contributo della geografia umana alle scienze del territorio, Milano, Franco Angeli, 1995.

HAESBAERT, R. A multiterritorialidade do mundo e o exemplo da Al Qaeda. **Terra Livre**, São Paulo, v. 1, n. 18, jan. /jun. 2002, p.37- 46.

HAESBAERT, R. Des-caminhos e perspectivas do território. In: RIBAS, A. D.; SPOSITO, E. S.; SAQUET, M. A. **Território e desenvolvimento: diferentes abordagens**. Francisco Beltrão: Unioeste, 2004. p. 87-119.

HSBC. **Expat Explorer: Broadening perspectives**. HSBC Holdings plc. Londres, Ing. 2017. Disponível em: <<https://www.hsbc.com/-/files/hsbc/media/media-release/2017/expat-explorer-global-report-2017.pdf>>. Acesso em: 09 ago. 2024.

JOHANSON, J.; VAHLNE, J.-E. The Uppsala internationalization process model revisited: from liability of foreignness to liability of outsidership. **Journal of International Business Studies**, v. 40, p. 1411-1431, 2009. (Decade Award),.

MARTINS, M. P.; CHAGAS, P. B. Território, territorialização e territorialidade: proposta de avanço de chaves teóricas para a análise da(s) dinâmica(s) das cidades. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**, [S. l.], v. 17, n. 2, 2022. Disponível em: <<https://www.rbhdr.net/revista/index.php/rbhdr/article/view/6067>>. Acesso em: 26 jul. 2024.

MELO, A. Expatriado: guia completo com o que é e principais dúvidas. **Copastur**, 30 de jan. de 2024. Disponível em: <<https://www.copastur.com.br/blog/expatriados-o-que-e/>> Acesso em: 11 de ago. de 2024.

MORAES, M. R.; MOREIRA, M. Z.; MACHADO, D. Q.; GUIMARÃES, D. B. A perspectiva dos expatriados sobre aspectos do ambiente institucional que influenciam suas condições de vida nos países hospedeiros. **Revista Eletrônica de Negócios Internacionais**, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 64-80, jan./abr. 2022.

PICHETH, S. F.; CHAGAS, P. B. Interfaces entre territorialidade e identidade: analisando as vivências das mães do Grupo Maternati. **Cadernos EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 4, p. 788-801, out./dez. 2018.

RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RULLANI, E. Più locale e più globale: verso una economia postfordista del territorio. In: BRAMANTI, A.; MAGGIONI, M. **La dinamica dei sistemi produttivi territoriali: teorie, tecniche, politiche**. Milano: Franco Angeli, 1997, p. 85-111.

SANTOS, M. O retorno do território. In: SANTOS, M.; SOUZA M. A. A. de; SILVEIRA, M. L. **Território: globalização e fragmentação**. São Paulo: HUCITEC/ANPUR, 1994. Disponível em: <<https://anpur.org.br/territorio-globalizacao-e-fragmentacao/>>. Acesso em: 02 ago. 2024.

SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. 9. ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SAQUET, M. A. **Os tempos e os territórios da colonização italiana**. Porto Alegre: EST Edições, 2003 (2001).

SAQUET, M. A. O território: diferentes interpretações na literatura italiana. In: RIBAS, A. D.; SPOSITO, E. S.; SAQUET, M. A. **Território e Desenvolvimento: diferentes abordagens.** Francisco Beltrão: Unioeste, 2004.

SAQUET, M. A. As diferentes abordagens do território e a apreensão do movimento e da (i)materialidade. **Geosul**, Florianópolis, v. 22, n. 43, p. 55-76, jan./jun. 2007.

SAQUET, M. A. Por uma abordagem territorial. In: SAQUET, M. A.; SPOSITO, E. S. (Org.) **Território e Territorialidades: teorias, processos e conflitos.** 1ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2009, p. 73-94.

SAQUET, M. A. **Abordagens e concepções do território.** 2ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

SAQUET, M. A. A relação espaço-tempo e a apreensão do movimento em estudos territoriais. In: **Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina - 20 a 26 de março de 2005 -** Universidade de São Paulo, p. 13882-13894.

SHENKAR, O. Cultural distance revisited: toward a more rigorous conceptualization and measurement of cultural differences. **Journal of International Business Studies**, v.43, p. 1-11, 2012. (Decade Award).

SOUZA, M. L. de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. C.; CORRÊA, R. L. **Geografia: conceitos e temas.** 15. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012. p. 77-116.

VALE, A. L. F.; SAQUET, M. A.; SANTOS, R. A. dos. O Território: diferentes abordagens e conceito-chave para a compreensão da migração. **Revista Faz Ciência**, [S. l.], v. 7, n. 1, p. 11, 2000. Disponível em: <<https://e-vestibular.unioeste.br/index.php/fazciencia/article/view/7380>>. Acesso em: 08 ago. 2024.